

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Curso De Especialização Em Psicologia Clínica: Gestalt Terapia e Análise
Existencial

Isabella Rayane Aparecida Silva

OS SILÊNCIOS QUE PERPASSAM O LUTO

Belo Horizonte

2021

Isabella Rayane Aparecida Silva

OS SILÊNCIOS QUE PERPASSAM O LUTO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Porfa. Dra. Tereza Cristina Peixoto

Belo Horizonte

2021

150 Silva, Isabella Rayane Aparecida .
S686s Os silêncios que perpassam o luto [recurso eletrônico] /
2021 Isabella Rayane Aparecida Silva. - 2021.
1 recurso online (28 f.) : pdf
Orientadora: Tereza Cristina Peixoto.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial -
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Luto. 2.Silêncio. 3.Covid-19 (Doença). 4.Brumadinho
(MG). I. Peixoto, Tereza Cristina . II. Universidade Federal
de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação
OS SILÊNCIOS QUE PERPASSAM O LUTO
ISABELLA RAYANE APARECIDA SILVA

monografia defendida e aprovada, no dia **dezesseis de agosto de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Tereza Cristina Peixoto - Orientador

FAFICH/UFMG

Maria Madalena Magnabosco

Belo Horizonte, 15 de outubro de 2021.

Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso

Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 15/10/2021, às 11:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 15/10/2021, às 17:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1022815** e o código CRC **40C0D9D0**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus por ser base das minhas conquistas e proporcionar que tudo ocorresse no tempo e da forma correta. Obrigada por me guiar e mostrar-me que esforço e dedicação geram potencialidade. Gratidão por me acolher e direcionar decisões significativas.

Agradeço à minha mãe Elenice pela presença carinhosa, incentivo em cada passo e pela compreensão na dedicação a este trabalho.

Aos meus familiares, em especial, à minha avó Catarina e minhas tias Alair e Anair que não mediram esforços para me incentivar e apoiar nesses tempos mais desafiadores na minha trajetória.

Agradeço, de forma muito especial, à minha tia Alair e meus primos Gabriel e Matheus e aos demais familiares, pois compartilhei aqui um pouco do que vivenciamos, experiências pessoais, sentimentos e lembranças. Sou grata por me apoiarem e permitirem que parte dessa história seja relatada.

Aos meus amigos Vitor e Poliane que foram presença sempre oferecendo colo e suporte.

As minhas amigas Elizabet e Mariana que foram como um presente na graduação de psicologia e me acompanham também nessa especialização, gratidão pelos trabalhos em conjunto, pelas palavras de incentivo e por me encorajarem nesta escrita.

As minhas amigas Geniane, Marina, Paloma e Nayara por compartilharem da minha trajetória nessa monografia e me ajudarem a reinventar quando necessário.

Aos meus amigos e colegas da medicina que me compreenderam e foram amparo nos dias mais corridos e pesados.

Aos meus professores da medicina que sempre me acolheram e se solidarizaram com as dificuldades desse percurso, bem como se entusiasmaram com a produção deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora Dra. Tereza que conduziu o trabalho com paciência e dedicação e sempre estava disposta com palavras de incentivo que fizeram total diferença na minha motivação.

Agradeço à minha professora Dra. Madalena, presente na minha graduação, nas supervisões e na vida, incentivo para essa especialização e para minha atuação.

Agradeço a mim, pela reinvenção, pela conciliação e planejamento com os meus objetivos, pela compreensão dos meus limites e pela atualização humana e acadêmica.

A todos que traçaram essa caminhada junto a mim, obrigada!

Dedico esta monografia ao meu tio e “pai torto” Marciel.

“A saudade eterniza a presença de quem se foi. Com o tempo esta dor se aquieta, se transforma em silêncio que espera...” (Pe. Fábio de Melo)

RESUMO

Luto é o processo vivenciado após a perda de alguém e as perdas são experiências que fazem parte da condição de ser humano. Por se tratar de um processo que, muitas vezes, é evitado e silenciado faz-se necessário apresentar a diversidade dos silêncios, inclusive a importância de alguns. Este trabalho visa trazer uma reflexão e uma contribuição ao campo da psicologia e áreas correlatas a respeito do processo do silêncio presente no luto. Inicialmente, contextualizo a importância do tema para minha escrita, tendo em vista uma vivência pessoal de luto e o correlaciono com o atual cenário de pandemia da COVID-19. No primeiro capítulo, abordo como o silêncio está presente na vida humana, sua manifestação e correlação com a linguagem. Em seguida, destaco o processo de luto, dividindo-o em etapas e ressaltando sua importância. A partir disso, o último capítulo apresenta as intercorrências do silêncio no processo de luto, sua relevância e a dimensão do silenciar-se para o enlutado e para os que estão ao seu redor.

Palavras-chave: luto; morte; COVID-19.

ABSTRACT

Grief is the process experienced after the loss of someone and losses are experiences that are part of the condition of being human. As this is a process that is often avoided and silenced, it is necessary to present the diversity of silences, including the importance of some. This work aims to bring a reflection and a contribution to the field of psychology and related areas regarding the process of silence present in mourning. Initially, I contextualize the importance of the theme for my writing, considering a personal experience of grief and correlate it with the current scenario of the COVID-19 pandemic. In the first chapter, I discuss how silence is present in human life, its manifestation and correlation with language. Then, I highlight the grieving process, dividing it into stages and highlighting its importance. From this, the last chapter presents the complications of silence in the mourning process, its generation and the dimension of silencing for the bereaved and for those around them.

Key-words: grief; death; COVID-19.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivos.....	12
1.2.1 Objetivo Geral.....	12
1.2.2 Objetivos Específicos.....	12
2 O LUGAR DO SILÊNCIO NA VIDA HUMANA	13
3 O PROCESSO DE LUTO	17
4 O PAPEL DO SILÊNCIO NO LUTO	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

1- INTRODUÇÃO

“A lama levou minha cidade
Levou minha família
Levou meu chão”

Isabella Rayane

Às 12 horas e 28 minutos no ensolarado dia 25 de janeiro de 2019, na comunidade de Córrego do Feijão na cidade de Brumadinho, rompia-se a barragem B1 da Vale na Mina Córrego do Feijão. 9,7 milhões m³ de dejetos levou pessoas, casas, estradas, vegetação, animais, famílias.... levou 273 histórias - e uma delas fazia parte da minha... Os dias que se sucederam foram recobertos pelo som de helicópteros ao clarear do dia, pelas sirenes (policiais, das ambulâncias e da própria mineradora pelo risco de rompimento de mais uma barragem), pelas ligações de parentes e amigos, pela corrida aos pontos de apoio por notícias, pelo encontro com outras famílias na mesma expectativa e pela esperança... que diminuía a cada andar do ponteiro do relógio. Foram longos 13 dias até receber uma ligação do Instituto Médico Legal (IML) confirmando que o corpo do meu tio havia sido identificado e foi naquele momento que o encontro com a morte se deu com maior vivacidade. Todavia não foi possível fazer velório e o enterro ocorreu em poucos minutos, dificultando a expressão da dor, a credibilidade da perda e o processo de luto.

Vivenciei meu luto e compartilhei o luto de uma cidade inteira e, naquele momento, a dor da perda parecia insuportável. Ao menos assim nos parece, logo que perdemos alguém que amamos. Quem passa por essa experiência, provavelmente guarda uma lembrança nítida e viva de um instante de impacto (MACHADO JR., 2018).

Um ano depois, o mundo vivenciou o início de uma pandemia, levando o tema “luto” para ser o palco de muitas discussões. A pandemia de Covid-19 permanece até a escrita deste trabalho acumulando óbitos e enfermos. Segundo o Painel Coronavírus do Ministério da Saúde (2021), a primeira morte por COVID-19 no país ocorreu no dia 12 de março de 2020 e, desde então, após 1 ano e 5 meses, o Brasil já ultrapassou a marca de 500.000 óbitos.

Os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) são: universalidade, integralidade e equidade. A integralidade assistencial visa garantir ao usuário uma assistência à saúde além da prática curativa, uma vez que contempla o indivíduo em todos os níveis de atenção e o considera como um sujeito que está inserido em um contexto social, familiar e cultural (SOUZA, 2012). Diante disso, espera-se que seja ofertada à população uma atenção integral à saúde. Contudo, é notório o despreparo de profissionais de saúde perante o tema da morte e do luto, isso se torna nítido com o atual cenário de pandemia, em que evidencia-se um desgaste emocional dos profissionais de saúde, seguido de sentimentos de fracasso e frustração, como consequência da vivência no trabalho de diversos processos de morte (FARIA; FIGUEIREDO, 2017).

É importante ressaltar, que é difícil lidar com o silêncio nos dias atuais, principalmente devido à falta de reflexões sobre finitude e sobre perdas, consequentes do individualismo e da premissa de se aproveitar a vida ao máximo, o que gera sensação de isolamento, bem como ausência de afetividade no meio social, pela idealização dessa condição. Com relação ao enlutado, esses se isolam, o que aprofunda sua dor, pelo seu, consequente, silenciamento (FREIRE, 2015).

Frente às minhas vivências e compreendendo a importância do silêncio para o processo de luto, no final do ano de 2019, escrevi meu trabalho de conclusão de curso (TCC) baseado nas intercorrências do silêncio no processo de luto. No entanto, minha escrita se deu com foco no silêncio como patológico e como ele poderia camuflar o apelo de uma sociedade que humaniza a dor, a morte e a finitude.

Neste trabalho destaco as contribuições do silêncio para a vida do enlutado, seu lugar e importância. Silenciar-se para experienciar o processo de luto é de suma importância pois, nesse momento, o sujeito é atravessado não somente pela dor, mas por sentimentos de raiva, ódio, amor, vergonha, inveja, sucedidos pelo rompimento da relação com o objeto (MACHADO JR., 2018).

A presente monografia foi dividida em 3 capítulos. O primeiro capítulo destacará o silêncio e sua importância na vida humana, percorrendo definições, exemplificações e tipologias. O segundo capítulo abordará o processo de luto, explicando sua importância, principais etapas, contextualizando-o com o cenário atual da pandemia pela COVID-19 e com minha vivência de luto pela perda do meu tio no desastre pelo rompimento da barragem em Brumadinho. Por fim, ficará a cargo do último capítulo abordar as intercorrências do silêncio no processo de luto, articulando os dois

primeiros capítulos e evidenciando a importância e o papel do silêncio no processo de luto.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Tendo isso em vista, a presente monografia objetiva analisar os silêncios que perpassam o processo de luto a fim de contribuir para o acolhimento dos enlutados.

1.2.2 Objetivos Específicos

O estudo tem como foco entender o processo de luto, ressaltando suas etapas e intercorrências. Além disso, pretende compreender o silêncio, sua conceituação, aplicação e seu lugar na vida humana.

2- O LUGAR DO SILÊNCIO NA VIDA HUMANA

“Antes de
existir a voz existia o silêncio.
O silêncio
Foi a primeira coisa que existiu
Um silêncio que ninguém ouviu”
(Arnaldo Antunes, 1996)

O lugar do silêncio na vida humana será destacado de forma a entender as contribuições e a importância do silenciar-se para o sujeito. O silêncio não é visível, não é palpável e falar sobre silêncio é tarefa árdua. Assim, facilmente ele é reduzido à falta de palavras. Portanto, é de suma importância que seja esclarecido o espaço que o silêncio ocupa na vida dos seres humanos. Orlandi (1997) refere-se ao silêncio como fundador e constitutivo, assim, partirei daqui para desenhar este capítulo.

A palavra silêncio etimologicamente vem do latim *silentiu* e, o dicionário Michaelis (2019) o define como a ausência completa de som ou de ruído e/ou um estado de quem se cala ou se abstém de falar, ou ainda, ausência de referência ou de menção a algo e omissão.

Em oposição ao que foi destacado, o silêncio não é tomado como vazio, mas como necessário,

[...] o silêncio é assim a "respiração" (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é "um", para o que permite o movimento do sujeito (ORLANDI, 1997, p. 13).

Ademais, o silêncio é contínuo e é isso que permite ao sujeito ressignificar e percorrer sentidos, ele tem significado próprio, em resumo, ele é o próprio significado e não somente um complemento de linguagem. Assim, Orlandi (1997) também destaca sobre a divisão entre silenciamento ou “política do silêncio” em que todo o processo de significação é acompanhado, necessariamente, de silêncio e o silêncio fundador.

Por isso distinguimos entre a) o silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar e b) a política do silêncio que se subdivide em b1) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não dizer (uma palavra apaga necessariamente as outras palavras) e b2) o silêncio local, que se refere à censura propriamente (aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura) (1995, p. 24).

Como já foi destacado, o silêncio compreende uma linha de significação, contudo ele se dá em oposição à fala. Pode parecer confuso, porém é importante que entendamos que o silêncio não é composto por palavras ditas, mas por significações não ditas. Nessa direção, Orlandi (1995) ressalta que o silêncio é, ele não fala, ele significa. Em outras palavras, no silêncio o sentido é.

Oliveira e Campista (2017) afirmam que, sendo o silêncio uma forma de linguagem, ele também é considerado uma forma de discurso. Assim, o silêncio pode ser compreendido de duas formas: 1- silêncio imposto – aquele que é colocado de forma impositiva, no sentido de dominação do sujeito e este fica sem voz e sem sentido. 2- Silêncio proposto – é como uma forma de resistência e de defesa. Nesse sentido, o silêncio seria uma falha na comunicação, quando há intenção em se comunicar, isso falha e ocorre uma ruptura (Orlandi, 2002).

Castilho (2010) destaca vários tipos de silêncio e, para melhor ilustrar, serão apresentados os que se relacionam com o tema dessa escrita. O primeiro deles é o Silêncio de Medo, esse é carregado de muita tensão, e posteriormente, muita descarga psicossomática, é facilmente identificável, pois traz uma mudança de postura física e psicológica nas pessoas. O outro tipo, é o Silêncio de Dor e de Perda, em que é notável a introspecção ante a própria dor ou a de um terceiro; é decorrente de uma perda real, por exemplo, a morte de alguém, sendo que a maior expressão e força da comunicação estão no não-falar. O Silêncio de Solidão é composto por amargura, pesar e vazio, nele são vivenciados sentimentos de abandono, sentir-se só e caracteriza-se como um silêncio profundo e forte. O outro tipo, é o Silêncio da depressão, em que há falta de expectativa de vida e, também, desinteresse pelo que há ao redor, nele não há sorriso, nem energia, prevalece uma postura passiva. Por último, o Silêncio de Adeus é profundo e relacionado com a perda de alguém, seja temporária ou definitiva.

Para melhor ilustrar e, para que possamos entender a importância do silêncio, retomo alguns momentos vividos após a tragédia da Vale em Brumadinho. Em diversos momentos, pessoas chegavam até a mim e faziam uma pausa, se colocavam em silêncio e depois me diziam algo. Naquele momento, possivelmente o silêncio ocupava um espaço diferencial da linguagem, ao silenciar-se, o espaço ficava aberto e permitia à linguagem significar. “A hipótese de que partimos é que o silêncio é a condição da produção de sentido. Assim, ele aparece como o espaço ‘diferencial’ da significação: lugar que permite à linguagem significar” (ORLANDI, 1995, p.70).

Ao se pensar na conceituação de silêncio, o entendemos como ausência de palavras e de linguagem, porém, como já foi destacado, silenciar-se é uma forma de expressar uma linguagem. O silêncio é, portanto, um espaço de sentidos que se fazem sem a representação da palavra. Nesse sentido, Orlandi afirma que, “o silêncio, mediando as relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem” (1997, p. 31). Em outras palavras, pode-se dizer que o silêncio significa e elabora de outras formas, pois esse não é transparência, mas se manifesta entre pensamentos, palavras e discursos (OLIVEIRA; CAMPISTA, 2007).

Orlandi (1995) afirma ainda que, o silêncio se constitui como um lugar que permite à linguagem significar. Como se daria isso? Para que haja linguagem e essa linguagem se expresse é preciso que tenha um lugar “outro”- um espaço e quem ocupa esse lugar é o silêncio. Para que a linguagem tenha significação, ela precisa atualizar sentidos desse espaço (silêncio), contudo, ao mesmo tempo, ela precisa recusar outros sentidos, tendo em vista que não se é possível expressar dois enunciados de uma só vez. Assim, é necessário que surja um sentido excluído para que a linguagem possa, então, ser expressa. Esse “excluído” é o silêncio. Diante disso, ousou dizer que, aquilo que não é dito se torna silenciado.

Peço licença para correlacionar essa discussão com a antiga frase que representa a indagação da ciência: “quem veio primeiro: o ovo ou a galinha?” Assim, questiono: quem veio primeiro: o silêncio ou a linguagem? Diante de tudo que foi discutido até aqui e, levando em consideração as afirmações de Orlandi (1995), o silêncio é anterior à linguagem. Contudo, para se dizer que existia o silêncio, a linguagem era necessária, assim, o silêncio existia, mas não era possível falar dele. No entanto, cabe aqui um outro questionamento: não é a linguagem que origina o silêncio? Para Tfouni (2008), de forma cronológica, a linguagem é anterior, tendo em vista que a anterioridade lógica é a que prevalece, ou seja, o que veio antes (linguagem) causa o que veio depois (silêncio). Poderia seguir “linhas a fio” discutindo sobre o que antecedeu, mas meu objetivo aqui é compreender que os dois coexistem, quer dizer, tanto a linguagem quanto o silêncio são dependentes e se inter-relacionam.

Na atualidade, vivemos em uma sociedade barulhenta que, geralmente, não enxerga a importância que o silêncio ocupa na vida do ser humano. O silêncio é apontado como indesejável, que pode provocar inquietação, desconforto, perturbação e tédio. Valoriza-se muito a fala. Nossa cultura está repleta por sons e ruídos que

tomam a cena, deixando o silêncio como um mero figurante. Assim, o silêncio é visto como opositor à linguagem. Contudo, como já foi destacado, o silêncio é uma forma de linguagem e uma forma da linguagem ser elaborada e expressa.

Dito isso, me recordo das palavras de Rubem Alves, que eu não poderia deixar de fora dessa escrita, em sua crônica “A Escutatória”, a qual fiz uso para escrita no meu segundo período do curso de medicina e que foi tema de discussão para a sua importância nas aulas de psiquiatria e da atuação médica. O texto destaca a importância de ouvir e, com sutileza ressalta a relevância do silêncio.

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular. Escutar é complicado e sutil...

Parafrazeio o Alberto Caeiro: “Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito; é preciso também que haja silêncio dentro da alma”. Daí a dificuldade: a gente não aguenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor, sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer...

Tenho um velho amigo, Jovelino, que se mudou para os Estados Unidos estimulado pela revolução de 64. Contou-me de sua experiência com os índios: Reunidos os participantes, ninguém fala. Há um longo, longo silêncio. Vejam a semelhança.... Os pianistas, por exemplo, antes de iniciar o concerto, diante do piano, ficam assentados em silêncio.... Abrindo vazios de silêncio.... Expulsando todas as ideias estranhas. Todos em silêncio, à espera do pensamento essencial. Aí, de repente, alguém fala. Curto. Todos ouvem. Terminada a fala, novo silêncio.[...] (ALVES, 1999, p.65).

Até aqui, foi apresentado o conceito de silêncio, sua etimologia e como ele se manifesta além da ausência de palavras. Foram destacadas contribuições de importantes autores como Orlandi e Tfouni que evidenciaram o lugar do silêncio na vida humana. Ademais, foram elencados tipos de silêncio relevantes para o luto e sua contribuição nas questões atuais.

Para o prosseguimento da análise proposta por esse trabalho e para que compreendamos os atravessamentos do silêncio no processo de luto, o capítulo que se segue fará uma apresentação da morte, da perda e exemplificará a relevância do luto na atualidade.

3- O PROCESSO DE LUTO

Como se você tivesse caído de uma altura de várias dezenas de metros, consciente o tempo todo, tivesse atingido o solo primeiro com os pés [...] com um impacto que fez você afundar até os joelhos, e cujo choque fez com que seus órgãos internos se rompessem e explodissem para fora de seu corpo (BARNES, 2013, p. 32).

Chocante. Porém é essa a sensação descrita por Barnes em seu livro *Levels of Life* após a perda da esposa com quem foi casado por cerca de 30 anos.

O luto é vivenciado de maneira individual e singular e não existe um padrão de reação, veremos neste capítulo algumas descrições, contudo, é importante que entendamos que há variações na intensidade, na duração de sentimentos e expressões que são influenciadas diretamente pelo contexto da morte, pela ligação com a pessoa falecida, pelo histórico e vivência do enlutado, bem como as características da perda.

Como visto, é notório que o processo de luto desperta reações e sentimentos. Fuchs (*apud* Dantas, 2020) descreve o sentimento após a morte como um choque, um golpe, geralmente experienciada como uma súbita fraqueza física, como se estivesse “perdendo o chão sob seus pés”. Parkes (1998 *apud* SOUSA, 2016) afirma que assim como os ferimentos físicos, o luto, aos poucos, cicatriza. Em contrapartida, podem aparecer complicações, tornando a cura mais lenta, ou até abrir um novo ferimento no lugar daquele que já estava cicatrizado.

Thanatos é a palavra grega para morte, referência direta ao Deus da Morte – de mesmo nome – que na Mitologia Grega e Romana é a personificação da morte leve e necessária. Existem diversas versões do mito de *Thanatos*, contudo, em sua maioria, ele é filho de Nix, a noite, e Érebo, a escuridão, filhos do Caos, mas em outros relatos a paternidade de *Thanatos* é desconhecida. Seu irmão gêmeo era *Hypnos* que, em oposição a *Thanatos*, era gentil e calmo. Na representação de sua aparência, ele aparece quando criança dormindo nos braços de Nix, na juventude carregando uma borboleta e quando adulto carregando uma tocha que seria a representação de uma vida extinta (MITOS E LENDAS, 2021). *Thanatos* é abordado depois em associação à pulsão de morte descrita por Freud, todavia isso não será foco de discussão neste trabalho.

A tanantologia é o estudo científico da morte, da teoria da morte e de sua natureza. O termo vem do grego “*Thanatus*” que, como destaque anteriormente, é o

nome dado ao deus da morte. Acrescido tem-se o sufixo “*logia*”, também derivado do grego e que significa estudo (HOUISS, 2016). O desenvolvimento da tanantologia se deu após as guerras mundiais e ocupa seu espaço de conhecimento, sem, no entanto, fazer parte de um ramo específico. Em outras palavras, é uma ciência que auxilia e permeia outras ciências. Seus objetivos específicos são: evidenciar manifestações de vida e de morte que se revelam a todo momento no desenvolvimento humano; reconhecer as vivências necessárias de perdas, mas também de ganhos; abordar particularidades do processo de morte a fim de auxiliar a compreensão para aqueles que a defrontam e identificar maneiras e formas de lidar e avaliar a dor psíquica e as dificuldades que a morte apresenta (FISCHER, *et al*, 2007)

A perda é uma condição permanente da vida humana e a sua lamentação faz parte do processo de adaptação às perdas em nossa vida. A forma como lamentamos nossa perda depende do modo como a sentimos, depende da idade, do quanto estamos preparados para isso, depende de como a pessoa sucumbiu à mortalidade, depende das forças interiores desenvolvidas ao longo da vida, do apoio externo e da nossa história pessoal. No entanto, parece haver um padrão bem típico do processo de luto normal do adulto, respeitando sempre, as idiosincrasias individuais. Assim, são evidenciados dois tipos de perdas: 1- a perda real, quando ocorre a morte de alguém ou de algo concreto, ou seja, há uma ausência física daquele objeto (além de pessoas, amputações, separações); 2- perda simbólica, são perdas de origem psicossocial como velhice, nascimento de um filho, final das fases da vida: infância, adolescência, etc. (VIORST, 1990).

Elizabeth Kübler-Ross, foi uma psiquiatra Sueca e é um dos nomes mais importantes na literatura sobre o luto. Em seu livro “Sobre a Morte e o Morrer”, escrito em 1969 apresentou 5 estágios para descrever como as pessoas passam por situações com notícias trágicas. Vale ressaltar que esses estágios têm duração variável e não aparecem em uma ordem cronológica, alguns estágios podem se encontrar ou até acontecerem ao mesmo tempo.

O primeiro estágio é o da negação, esse funciona como um “para-choque” após notícias chocantes e inesperadas. A primeira reação do sujeito é um estado passageiro de “choque” e a negação é uma defesa temporária que, quando assumida, nem sempre aumenta a tristeza e pode ser logo substituída pela aceitação parcial. Em todo sujeito existe a necessidade da negação, que se intercala ao longo do processo, especialmente em pacientes ao receberem diagnósticos de doenças mais graves. A

negação costuma ser acompanhada de isolamento que, um tempo depois, desaparece dando lugar ao diálogo sobre a morte, a doença ou a imortalidade. É válido ressaltar que, o isolamento é deixado de lado, contudo a negação ainda permanece (KÜBLER-ROSS, 1996).

Quando o primeiro estágio não se mantém, é substituído pelo segundo: a raiva. Ele é composto por sentimentos de raiva, revolta, inveja e ressentimento. É um período difícil para os que estão em volta do enlutado, pois sua raiva propaga-se em todas as direções e é projetada no ambiente, geralmente sem um motivo plausível para se manifestar. Nesse estágio, logicamente surge uma pergunta: “Por que eu? ”. Pacientes que estão acostumados a ter tudo sob controle passam por esse estágio com mais dificuldades, pois são submetidos a abandonar o que, aparentemente, estava em seu domínio (KÜBLER-ROSS, 1996).

A Barganha é o nome do terceiro estágio, é o menos conhecido e tende a ser mais curto. Nessa fase, a pessoa busca algum tipo de acordo, como se procurasse ainda, algum controle sobre o que vivencia. Esses acordos ou promessas geralmente são feitos com Deus mantidos em segredo e podem estar associados a uma culpa oculta (KÜBLER-ROSS, 2008).

O quarto estágio é denominado depressão. Nessa fase é comum as pessoas ao redor dos enlutados tentarem animá-los ou encorajá-los. Contudo, isso se deve ao incômodo pela expressão amuada de quem está passando por uma situação traumática. A autora divide depressão em duas: a reativa e a preparatória. A depressão reativa está associada a questão mais concretas e está atrelada não somente ao fato (morte ou doença), mas relaciona-se com as reações provenientes. A depressão preparatória diz respeito a aflição a que um paciente terminal é submetido, por exemplo, atuando na preparação da perda, nesse caso está diretamente relacionada com o fato (morte ou doença). Geralmente é silenciosa, não havendo necessidade de palavras, mas requer diálogo e intervenção de outros assuntos. Aqui também é importante que o paciente exteriorize seus sentimentos, assim facilitará a aceitação, podendo gerar um sentimento de gratidão aos que estão ao seu redor, assim é um momento de escutar o paciente, ao invés de encorajá-lo (KÜBLER-ROSS, 2008).

O quinto, e último estágio, é a aceitação, essa fase é caracterizada pela aceitação da realidade, porém é errôneo comparar aceitação com sentimento de

felicidade, uma vez que há uma fuga de sentimentos e é como se a dor tivesse esvanecido (KÜBLER-ROSS, 2008).

Elizabeth Kubler-Ross elaborou essas etapas para fins didáticos, uma vez que elas não são lineares, muito menos cronológicas, mas seu conhecimento facilita a comunicação entre os profissionais de saúde com os enlutados.

Outras fases descritas são as propostas por Viorst (1990), segundo esse autor, o processo inicial de luto consiste com uma sensação de choque, acompanhada de incredulidade e negação. A próxima fase é mais longa e de intenso sofrimento psíquico, denominada fase de dor aguda. A partir daí tende-se a caminhar para “o final” do luto, esse fim significa um importante grau de aceitação, adaptação e de recuperação. Nessa última fase, o enlutado consegue assimilar que os mortos não voltarão nesta vida e se adapta às diferentes circunstâncias, modificando-as para sobreviver. É como subir uma escada em espiral... é como aprender a subir por ela mesmo estando “amputado”.

Thomas Fuchs (2013) descreve o luto como sendo um processo complexo e heterogêneo que pode se manifestar de diversas formas, contudo, é uma experiência singular que é influenciada por fatores como, concepções e crenças referentes à natureza da morte. Assim, a primeira reação esperada é o “choque”, o atravessamento existencial que a perda da pessoa institui. Em seguida, o enlutado experiencia uma ambiguidade de sentimentos e experiências: presente e passado, presença e ausência – essa oposição pode se manifestar na oscilação entre o reconhecimento da perda e a negação.

É impossível falar de luto e não o associar ao cenário pandêmico atual. Em dezembro de 2019 a China reportou o aumento da contaminação pelo novo Coronavírus, seguida de óbitos decorrentes da doença e, com isso, em 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) passou a caracterizar o contexto como pandemia da COVID-19. Devido às principais formas de transmissão, e adotando medidas para conter o avanço da doença, foi necessário o fechamento de comércios, restrições a viagens, fechamento de escolas e universidades e restrição da circulação de pessoas (CREPALDI *et al.*, 2020).

A partir disso, estudos revelaram que as medidas que foram utilizadas na tentativa de reter o avanço da contaminação da COVID-19, impactaram diretamente na saúde mental da população, aumentando assim, o risco para a manifestação de

sintomas de estresse, ansiedade e depressão tanto na população em geral, quanto nos profissionais de saúde (CREPALDI *et al.*, 2020).

Os rituais fúnebres e seu caráter simbólico podem fornecer sentido e significação à realidade e, dessa forma, ajudam o enlutado a simbolizar a morte, visto que, como já destacado, trata-se de um momento doloroso que precisa de elaboração. Esses rituais fazem com que o indivíduo possa confrontar-se com a perda em si, entrar no processo de luto e manifestá-lo de forma pública (DANTAS; CASSORLA, 2020).

Assim como vivenciei em Brumadinho e como ocorre nas mortes pela COVID-19, os enterros e rituais funerários em eventos com morte em massa ocorrem “fora da curva”, ou seja, em ambos os casos são velórios curtos, restritos ou até não existem – o enterro ou a cremação são realizados direto e, geralmente os caixões são lacrados. Dessa forma, essas mudanças nos rituais funerários tornam desafiadora e mais difícil a vivência do processo de luto.

Outro ponto que frequentemente ainda ocorre em Brumadinho, na atual pandemia e nos demais processos de luto diz respeito ao sentimento de culpa manifestado pelos sujeitos: culpa por não ter dito, por não ter feito diferente, por ter sido uma fonte de contaminação, por não ter impedido que o familiar fosse trabalhar naquele dia, como na vivência em Brumadinho. Esse sentimento geralmente vem acompanhado por sofrimento, por raiva e revolta (DANTAS, *et al.*, 2020).

Para que o processo de luto se concretize como passageiro é necessário o reconhecimento de uma realidade que se altera, ou seja, é preciso o reconhecimento da morte. Nesse sentido, o silêncio ocupa papel primordial para que a elaboração desse processo ocorra.

4- O PAPEL DO SILÊNCIO NO LUTO

É que a morte também é uma terrível brutalidade - nenhum engodo é possível! – não apenas enquanto acontecimento físico, mas ainda mais como um acontecimento psíquico: um ser humano é arrancado da vida e o que permanece é um silêncio mortal e gelado. Não há mais esperança de estabelecer qualquer relação: todas as pontes estão cortadas (JUNG, 1997, p.272).

Na atualidade, observa-se falta de discussões e reflexões sobre a finitude, consequência de um estímulo social exacerbado por prazer e aproveitamento da vida a qualquer preço (FREIRE, 2005). Com isso, os enlutados podem abandonar seu processo de luto de forma prematura, uma vez que a morte, bem como o luto, são vistos como situações que precisam ser evitadas, negadas. Nesse sentido, o enlutado passa a comportar-se de maneira socialmente aceita, o que, frequentemente, contraria sua necessidade psicológica diante da perda. Em decorrência, o enlutado vive o seu processo de forma isolada ou abandona-o de forma forçada antes que este se complete (SOUSA, 2016).

Entretanto, é importante que entendamos a relevância do papel do silêncio frente ao luto. Primeiramente, trata-se de um silêncio consolador (VITÓRIO SJ, 2020), que tenta multiplicar palavras para explicar o que seria inexplicável. Diria que se trata também de um silêncio assimilador, no qual faltam palavras ou se busca encontrá-las, em função das intensas situações que emergem no processo do luto, que precisam ser elaboradas.

Estamos falando aqui da pessoa que vivencia o luto, porém é preciso ressaltar que em torno dela existem outras pessoas que, em muitas situações, não sabem como se portar e o que dizer para aqueles que perderam o seu ente querido. Padre Jaldemir Vitória (2020) ressalta que é importante que se faça presença fraterna e solidária e que, nesse momento, o silêncio basta. Associo à definição de silêncio para Orlandi (1997, p.13) em que esse é “um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido...”.

Para melhor exemplificar o que foi descrito, relembro sobre a tragédia da Vale em Brumadinho que, como já relatado, perdi meu tio. Foi muito comum que diversas pessoas chegassem até a mim, mas não sabiam o que dizer (elas mesmas pontuavam isso), contudo bastava a presença genuína e, assim, era um silêncio consolador. Nesse sentido, Padre Jaldemir (2020) descreve uma situação em que uma pessoa o procurou pois perdera um primo na mesma tragédia e não sabia o que dizer ao se

aproximar de seus parentes. Ele ressaltou que era inútil, naquela ocasião, culpabilizar a empresa, o capitalismo, os políticos, ou seja, de nada valia fazer uso de discursos piedosos.

Qualquer fala nesse momento poderia se mostrar inconveniente ou inútil. Seria suficiente a presença fraterna e solidária, parca em palavras, em face dos gritos de desespero dos parentes. Não tem como explicar o inexplicável! Somente os tolos tentam consolar! (VITÓRIO SJ, 2020, p. 23).

Quantas vezes nos vemos questionando o que podemos fazer diante de morte e das tragédias? No atual cenário de pandemia pela COVID-19, após 1 ano e meio, vemos uma banalização que é vencida pelo cansaço. Por nossos olhos desfilam choros e tristeza. Em situações de morte em massa, como a da pandemia e como em Brumadinho, nos deparamos com a contabilização de mortos e de histórias. Como ajudar?

Frente ao enlutado, em algum momento o silêncio precisa ser quebrado. Como encontrar a palavra certa? Qual o melhor momento? Pe. Jaldemir (2020) destaca que esse é um ponto fundamental da arte de consolar e que citações aleatórias, trechos bíblicos, frases de efeito e palavras banais são supérfluas e não agregam. Com todo o avanço tecnológico, chovem mensagens no aplicativo WhatsApp, contudo seu excesso também se torna inoportuno. Para tanto, é importante que se encontrem palavras que possam tocar o coração e ser alento para o enlutado que, naquele momento, carece de consolação, sem banalizar ou menosprezar sua vivência.

Um ponto nodal a ser destacado aqui diz respeito à patologização do luto. É importante que fique claro que silenciar-se, vivenciar o sofrimento e a tristeza não devem ser considerados doenças. Toda pessoa deve ser acolhida em sua singularidade. É importante que se ofereça presença e cuidado ao enlutado, com respeito, que se auxilie no seu processo de elaboração, bem como ofereça ajuda no resgate de prazer e continuidade da vida de quem permaneceu (ACIOLE, 2019).

A dor pela perda e o processo de luto podem perdurar por um longo período, contudo, silenciar-se frente a isso é tarefa árdua. Aqui destaco Jó, personagem bíblico, que tinha sete filhos e três filhas, sete mil ovelhas, três mil camelos, mil juntas de bois e quinhentas jumentas, além de muitos servos trabalhando para ele. Contudo perdeu tudo o que tinha. Durante sete dias e sete noites seus amigos permaneceram junto a ele em silêncio (VITÓRIO, 2020).

No entanto, muitos anos depois a impressão que nos gera é que as pessoas dão menos espaço ao luto e ao silêncio, restrito apenas ao velório e ao sepultamento

(ou nem chegam a isso). Para Pe. Jaldemir Vitório (2020), isso pode ser indicativo de como as relações entre as pessoas se tornaram superficiais e inconsistentes. Não se deve cultivar o luto para toda vida, sem embargo, deve-se pensar nos limites do luto e que se possa praticar a compaixão até que a superação daquele trauma se dissipe e dê lugar para que a pessoa siga adiante com seriedade.

Na essência desta escrita, retomo ao ponto principal deste trabalho: a importância do silêncio no processo de luto. Como já foi ressaltado, ao se manter em silêncio, o espaço se abre para a elaboração e sentido daquilo que vai ser dito e é neste momento que a linguagem será pensada e tudo que está sendo vivenciado tem a possibilidade de ser reelaborado.

Nesse sentido, no acolhimento dos enlutados, a Gestalt-terapia, no espaço terapêutico, deve fazer uso do aqui-e-agora a fim de se criar um ambiente aberto e confiável, um ambiente de possibilidades, de ser e de se expressar. Também deve ser um lugar de escuta, aceitação e ensaio de mudanças pessoais (YALOM, 2008).

Um ponto central, no cenário terapêutico, é o processo de ajustamento criativo que compreende em abandonar antigas perspectivas, dando lugar a um novo contato a partir do que é apresentado. Em situações de perdas, comumente o contato com o que se apresenta no campo é evitado e, com isso, impede a elaboração e a reestruturação das recorrências vivenciadas no luto (MARTINS; LIMA, 2014).

Um dos conceitos nodais na Gestalt-terapia é o conceito de *awareness*, que seria a consciência de si, uma consciência perceptiva. É a tomada de consciência de forma integral no presente, no aqui-e-agora, a junção das percepções: pessoais, corporais, emocionais, interiores e ambientais (FRAZÃO, 1995).

Para que se tenha *awareness*, o contato é necessário, assim se mantém a relação com o mundo. Quando isso ocorre, o enlutado consegue contato pleno com essa experiência presentificada, possibilitando a emersão de sentimentos de forma congruente e autêntica (MARTINS; LIMA, 2014).

Isso posto, registro aqui uma frase do saudoso Rubem Alves que amarra o que foi escrito, retoma o que até aqui foi apresentado e demonstra a transcendência do silêncio frente ao luto.

A morte faz calar as palavras. São inúteis.... Servem para nada.
Mas não há palavra ou poema que possa com as únicas palavras que a morte deixa escritas: "Nunca mais". Nada existe de mais definitivo e mais doloroso que esse "nunca mais..."
Bem fizeram os amigos de Jó que o visitaram com o intuito de consolá-lo na sua desgraça. O texto bíblico descreve o que aconteceu: "Quando eles, de

longe, o viram, eles não o reconheceram; e eles levantaram suas vozes e choraram. E eles se assentaram com ele no chão durante sete dias e sete noites, e nenhum deles lhe disse uma palavra sequer, porque eles viram que o seu sofrimento era muito grande" (Job 2.13) (ALVES, 2008, p.15).

Como foi elucidado nesse trabalho, o silêncio diante do luto pesa na atualidade. A finitude raramente se torna palco para discussões, por ser vista como algo a ser evitado. Foi destacada ainda a importância do silêncio dentro do processo de luto para o enlutado, mas também ressaltar essa intercorrência para os que estão ao redor. É essencial que, as palavras que serão usadas para quebrar o silêncio, possam trazer afeto e consolo sem, contudo, desqualificar o sofrimento ali presente. Ademais, as contribuições da Gestalt-terapia para o acolhimento frente à atribulação da morte vão ao encontro de presentificar, no aqui-e-agora, o que está emergindo no campo, possibilitando o contato com a experiência para que haja a *awareness*.

Dito isso, podemos dizer que, frente ao luto destacam-se três posturas: presença, escuta e silêncio!

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa monografia foram sistematizados conceitos e conhecimentos sobre o silêncio, o processo de luto e a presença do silêncio na vida dos enlutados. Em síntese, buscou-se caracterizar o lugar que o silêncio ocupa na vida humana, a importância desse silêncio para o enlutado e seu impacto e os desafios para quebrar o silêncio perante o luto.

O percurso realizado nesta escrita partiu de uma vivência pessoal e de um desejo de compartilhar e contribuir para que cada leitor se identifique e entenda a importância de vivenciar o luto e o papel que o silêncio nele ocupa, além de desmistificar a patologização do enlutado e compreender a singularidade com que cada sujeito vivencia sua perda.

Abordar silêncio e luto em um único trabalho é complicado, são dois conceitos que têm escassez de palavras e são complexos. Dessa forma, destaca-se a importância e a contribuição deste trabalho para tornar audível estes temas que geram desconforto e possuem carência de palavras.

Como visto, é desafiador entender o silêncio e vivenciá-lo na sociedade atual que clama por fala, expressões e muito barulho. Sem embargo, também carece de silêncio como espaço para elaboração do luto. Assim, é necessário reconhecer que o sofrimento faz parte da vida, que é possível entrar em contato com ele e ultrapassá-lo. “É preciso observar a angústia, compartilhar a dor inominável do enlutado, e, desta forma, ouvir o som que o social encobre em silêncio” (FREIRE, 2005 p.17).

REFERÊNCIAS

- Aciole, Giovanni Gurgel; Bergamo, Daniela Carvalho. Cuidado à família enlutada: uma ação pública necessária. *Saúde em Debate* [online]. v. 43, n. 122. p. 805-818. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104201912212>>. Acesso em 10 de julho de 2021.
- ALVES, Rubem. O amor que acende a lua. Papirus. ed. 8. p. 214. 1999.
- ALVES, Rubem. A morte e o silêncio. Folha de São Paulo, São Paulo, 09 de dezembro de 2008. Cotidiano.
- Barnes, J. Levels of Life. Alfred A. Knopf. eBook ISBN 9780385350785. New York, 2013.
- Crepaldi, Maria Aparecida *et al.* Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia (Campinas)* [online]. 2020, v. 37, e200090. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090> Acesso em 06 de julho de 2021.
- Dantas, Clarissa de Rosalmeida *et al.* O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. 2020, v. 23, n. 3, p. 509-533. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>>. Acesso em 14 de junho de 2021.
- FARIA, Simony de Sousa; FIGUEREIDO, Jowilma de Sousa. Aspectos emocionais do luto e da morte em profissionais da equipe de saúde no contexto hospitalar. *Psicol. hosp. (São Paulo)*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 44-66, jan. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092017000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 29 de julho de 2021.
- FRAZAO, Lilian Meyer. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 144-149, 1995. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771995000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 ago. 2021.
- FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. O Som do Silêncio: a angústia social que encobre o luto. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). Área de Concentração Cultura e Representações. UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005.
- FISCHER, Joyce Mara Kolinski. Manual de tanatologia. 21. ed. Curitiba: Unificado, 2007.
- FUCHS, T. Existential Vulnerability: Toward a Psychopathology of Limit Situations. *Psychopathology*, 46(5), 301-308. 2013
- GRÜN, Anselmo. As exigências do silêncio. Petrópolis: Vozes.

HOUAISS, Koogan. Enciclopédia e dicionário ilustrado. Delta. Rio de Janeiro, 2016.

JUNG, Carl Gustav. A vida simbólica. Vozes. Petrópolis, 1997.

Kovács, Maria Julia. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2008, v. 18, n. 41, pp. 457-468. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300004>. Acesso em 13 de julho de 2021.

KÜBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes , 1996.

KÜBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes , 2008

MACHADO JR, Péricles Pinheiro. A ruptura do tempo na experiência do luto:: um aprendizado. J. psicanal., São Paulo , v. 51, n. 95, p. 273-284, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352018000200022&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 abr. 2021.

MARTINS, Marize; LIMA, Patricia Valle de Albuquerque. Contribuições da Gestalt-terapia no enfrentamento das perdas e da morte. IGT rede, Rio de Janeiro , v. 11, n. 20, p. 01-39, 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262014000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 de julho de 2021.

Ministério da Saúde (2021). Painel Coronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em 14 de junho de 2021.

Mitos e Lendas. Tudo Sobre Tânatos - Deus da Morte na Mitologia Grega. 2021.

OLIVEIRA, Vânia M.R. de; CAMPISTA, Valesca do R. O silêncio: multiplicidade de sentidos. SINAIS - Ciências Sociais. UFES. 2. ed. v.1. p. 107-120. Vitória, 2007.

ORLANDI, E. P. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Unicamp. 4ª edição. Campinas, 1997.

ORLANDI. E. P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Pontes. 4. ed. São Paulo, 2002.

SOUZA, Marcio Costa de. Integralidade na atenção à saúde: um olhar da Equipe de Saúde da Família sobre a fisioterapia. O Mundo da Saúde. v.36. n.3. p.452-460. São Paulo, 2012.

VITÓRIO SJ, Jaldemir. O silêncio consolador no luto: os “Jós” de ontem e de hoje! Filosofia e Teologia em Tempos de Pandemia. FAJE. v. 5. n.4. Belo Horizonte, 2020.

OLIVEIRA, Vânia Maria Rocha de. CAMPISTA, Valesca do Rosário. O silêncio: multiplicidade de sentidos. Ciências Sociais. 2 ed. v.1. n.2. p.107-120. Vitória, 2007.

SOUSA, Luiza Eridan Elmiro Martins de. O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. IGT rede, v. 13, n. 25, p. 253-272. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262016000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 09 de julho de 2021.

TFOUNI, Fabio Elias Verdiani. O interdito e o silêncio: duas abordagens do impossível na linguagem. Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 8, n. 2, p. 353-371, maio/ago. 2008

VIORST, Judith. Perdas Necessárias. Tradução de Audley Soares Rodrigues. 3 ed. Melhoramentos. São Paulo, 1990.

YALOM, Irvin. De frente para o sol: como superar o terror da morte. Rio de Janeiro, Agir Editora, 2008.